

Carmélia Alves: uma cantora brasileira, a Rainha do Baião

Carmélia Alves: a brazilian singer, the Queen of Baião

Raimundo César Vaz Neto¹

RESUMO

Neste artigo temos como objetivo problematizar a carreira da cantora Carmélia Alves (1923-2012), conhecida como *Rainha do Baião*. “Coroada” sem concurso por Luiz Gonzaga, o *Rei do Baião*; ou sendo aplaudida no auditório das rádios no Recife ao lado do sanfoneiro Sivuca, a carioca, filha de pais nordestinos, foi caloura do temido apresentador Ary Barroso. Como crooner no Cassino do Copacabana Palace, substitui Carmen Miranda e embora Carmélia cantasse samba inicialmente, foi com o Baião que ela ajudou como ritmo por ser famosa, que sua carreira se destacou. A documentação selecionada no decorrer da investigação consta de pesquisa bibliográfica e livros especializados que tratam da era do rádio no Brasil.

Palavras-Chave: Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Carmélia Alves. Rainha do Baião.

ABSTRACT

In this article we aim to problematize the career of singer Carmélia Alves (1923-2012), known as *Rainha do Baião*. "Crowned" without contest by Luiz Gonzaga, the King of Baião; or being applauded in the auditorium of the radios in Recife next to the sanfoneiro Sivuca, the carioca, daughter of northeastern parents, was a freshman of the danded presenter Ary Barroso. As a crooner at Copacabana Palace Casino, replaces Carmen Miranda and although Carmélia sang samba initially, it was with Baião that she helped as a rhythm for being famous, that her career stood out. The documentation selected during the investigation consists of bibliographic research and specialized books dealing with the radio age in Brazil.

Keywords: National Radio of Rio de Janeiro. Carmelia Alves. Queen of Baião.

Introdução

Esse artigo abordará a trajetória artística da cantora do rádio Carmélia Alves, levantados através de pesquisa bibliográfica de outras artistas como Ângela Maria e Dolores Duran, Nora Ney e Jorge Goulart, que conviveram com Carmélia, além dos depoimentos em programas como do *Jô* (Soares) na TV Globo, e do extinto *A vida é um show*, da TVE Brasil. Em uma época em que o trabalho feminino era mal visto, uma vez que o preconceito em relação à carreira feminina, sobretudo a artística, em uma época que a mulher era do lar, mãe, casada e para ser respeitada neste meio artístico e na imprensa, precisava da sua imagem associada às coisas que

¹ Mestrando em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), apoio financeiro CAPES. E-mail: rcvazneto@hotmail.com.

remetesse à vida familiar, mesmo que inventados, era a forma que se podia pensar em uma artista do rádio. Extraído de uma conversa com o jornalista e pesquisador Rodrigo Faour (2009), em entrevista, Carmélia Alves ao lado das cantoras Dóris Monteiro e Lana Bittencourt, negou ter passado por preconceito em seu início de carreira, mesmo que ela mesma tenha admitido dito que as mulheres que cantavam samba eram tidas como “puta”. Por muito menos, outras artistas que não estavam no vídeo, como Marlene, Ângela Maria e Maysa, sofreram enquanto anônimas e foram cobradas enquanto famosas.

Nossa problemática repousa nos seguintes questionamentos: Como Carmélia tornou-se Rainha do Baião? Qual repertório ela tinha antes disso? Qual a importância social na época em que Carmélia cantou no Cassino do Copacabana Palace? Como o Baião estava antes dela e de Humberto Teixeira? Com quem a artista conviveu nas décadas de 1940 e 1950? De quais projetos participou e com quem ela esteve, depois do apogeu dos artistas do rádio e da decadência do Baião?

Para que possamos elucidar tais questionamentos, este estudo objetiva-se em:

Avaliar a trajetória da cantora Carmélia Alves em paralelo ao ritmo do Baião; Verificar o que levou a cantora a adquirir o título de Rainha do Baião frente ao antigo e novo repertório; analisar a importância da cantora para a solidificação desse ritmo musical antes da mesma e de Humberto Teixeira; Estabelecer uma ponte entre a primazia do espaço de elite do Copacabana Palace e a relevância social que esta característica levaria para a disseminação do Baião; Apontar as relações que a artista teve nas décadas de 1940 e 1950 e os projetos artísticos posteriores nas décadas seguintes.

Justifica-se este estudo frente relevância de associar o nome da artista de prestígio entre a elite social carioca da década de 1940 com um ritmo musical de origem nordestina, impulsionando de forma significativa tal enlace. Verifica-se tal importância em suas próprias entrevistas, como a que a mesma contou no programa do *Jô* na TV Globo, em 2005, ao lado da cantora Emilinha Borba, que em uma escala no aeroporto de Paris, nos anos 1950, dançou em cima da asa de um avião, para espanto dos passageiros e contágio de outros, com aquele ritmo diferente chamado Baião, mas que muitos ali desconheciam.

Como muitas cantoras dessa época vinham de origem humilde, elas passaram pelas boates e casas noturnas, como *crooners*, com um repertório diversificado e em várias línguas. Alcir Lenharo (1995) na biografia falando do casal Nora Ney e Jorge Goulart com depoimentos dos dois artistas, nos dias fartos do apogeu e das perseguições por serem “comunistas”, antes e

durante o Regime Militar de 1964, quando Carmélia Alves era uma das citadas e requisitadas pelos dois em turnês nacionais ou internacionais, ou por projetos associados aos artistas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, da qual ela foi contratada.

Embora Carmélia cantasse samba, imitando Carmen Miranda, foi no Baião presenteada por Luiz Gonzaga e coroada por ele mesmo, que Carmélia cresceu e conheceu o mundo. Em contrapartida, este ritmo teve por meio da voz da cantora uma vitrine para que pudesse atingir a elite artística. Em turnê pelo Brasil, em Recife, foi chamada de “Rainha”, apresentando-se em um programa de auditório que não dispunha de muito tempo e que as músicas deveriam ser improvisadas. Por esse episódio, em seu retorno ao Rio de Janeiro, o apresentador da Rádio Nacional, César de Alencar passou a chamá-la de Rainha e dizer que todos estavam sabendo do sucesso que ela teve em sua turnê pelo Nordeste. Tempos depois, ela iria justificar sua habilidade e familiaridade com o ritmo do baião, por ser filha de pais nordestinos.

Princípio das emissoras de rádio e a musicalidade brasileira

O surgimento das emissoras de rádio no Brasil teve início por investimento privado e a ligação com o Estado, que concedia permissão por dez anos para funcionamento ou cassação, caso ocorresse alguma violação das leis do código de comunicação. Esses anos iniciais na década de 1920 foram difíceis, pois as pessoas que se associavam para ajudar com determinada quantia mensal, que era o único meio de manter as emissoras, não mantinham regularidade dos pagamentos enquanto sócios. Para manter seus programas musicais, essas emissoras pediam discos dos seus ouvintes associados, que recebiam agradecimentos no ar, além da apresentação ao vivo dos artistas, que nada recebiam por elas. Além do mais, a passagem da fase amadora para comercial das rádios brasileiras não foi imediata, pois não havia anunciantes e, além do mais, possuía a falta dos aparelhos receptores, que eram caros e limitando à aquisição pela sociedade. Essa ausência de ouvintes e verbas reduzia a programação em dois horários, manhã e noite. Havia um descrédito em relação à eficácia do rádio como meio de comunicação naquele momento, pois ainda havia a maior confiança na propaganda da imprensa escrita e nos painéis (CALABRE, 2004, p. 12-14).

A década de 1950 foi permeada pela diversidade criativa na música popular brasileira. O destaque se dava para o contexto histórico da época, onde o governo do presidente Getúlio Vargas angariava o forte sentimento nacionalista que influenciou os compositores e intérpretes

que tiveram suas carreiras iniciadas entre 1920 a 1940, como podemos citar Ary Barroso e Aracy de Almeida. Entretanto, esse gosto pela identidade nacional passou a conviver mais de perto com músicos e intérpretes de canções norte-americanas, como: Cole Porter, George Gershwin e tantos outros, e também pelo estilo interpretativo do brasileiro Dick Farney que, em sua estada nos Estados Unidos, em 1946, fez contatos e se apresentou com músicos americanos importantes, como Nat "King" Cole, David Brubeck e Bill Evans. Segundo Theophilo Augusto Pinto (2012), a pluralidade artística dos programas radiofônicos foi baseada em:

No começo da década de 1950, algumas séries de programas da Rádio Nacional se valeram do próprio elenco para atrair audiência. Caricaturas Musicais, Gente que Brilha e Noite de Estrelas são algumas das que, majoritariamente, tiveram artistas da própria emissora como estrelas ou convidados especiais em suas edições. Assumindo-se que a Nacional tivesse grande audiência, ilustrada pelo Himalaia das curvas do Ibope, pode-se pensar que esses artistas tinham grande ressonância junto ao público. O que chama a atenção, no entanto, é que muitos deles não eram cantores solistas sob o rótulo de cartaz, rainha do rádio ou algo equivalente. No caso de GQB, por exemplo, nos programas escutados, apenas Marlene, tendo aparecido num programa dedicado só para ela, poderia ser lembrada como uma grande estrela. Os demais tiveram a participação de artistas não tão óbvios e vale a pena refletir um pouco sobre a escolha deles e como isso pode deixar entrever como os produtores pretendiam atender as expectativas do público (PINTO, 2012, p. 258).

A criação do samba, símbolo nacional, desde o modernismo, adquiriu subcategorias que o leque vai desde o samba-canção (que surgiu na década de 1920) ao *samba blue*, alcunha pejorativa gravada pelos críticos nacionalistas para denominar uma modalidade do samba que sofria influências do *Blues* e baladas norte americanas e à forma de se cantar Bing Crosby.

Partindo das premissas de Santuza Neves (s/d), em artigo sobre *A música popular nos anos do segundo governo Vargas*, a autora recupera o momento da criação do baião em 1940, por Luiz Gonzaga, mas recriado posteriormente por Humberto Teixeira com a música "Kalu", em 1952, que fez sucesso com a cantora Dalva de Oliveira. Aliado ao baião, as canções regionais do centro-Sul e as modas caipiras permaneceram com seu público fiel, mas não impediu a entrada do bolero mexicano e da guarânia paraguaia no Brasil.

A música brasileira tem um caráter híbrido formado por multifacetados gêneros musicais, destacando-se: o samba, a bossa nova, o baião e a MPB ("Música Popular Brasileira", rótulo que designa todos os outros gêneros das tradições populares). "A MPB (com maiúsculas), mais do que um gênero específico, é um guarda-chuva de vários gêneros, movimentos e estilos tão diferenciados que, mal parafraseando Cecília Meireles, todo mundo sabe o que é, mas ninguém sabe explicar" (NAPOLITANO, 2005, p. 29).

Durante a pesquisa em arquivos e revistas da época, encontramos a representatividade dos ritmos nos materiais neles armazenados. A análise documental nos fez perceber que Gonzaga era um personagem relevante para a difusão da cultura nordestina, especificamente a partir das danças sertanejas. Procuramos analisar esses documentos e entender o que neles continham que nos ajudasse a entender como ocorreu a participação de Luiz Gonzaga como o “Rei do Baião” e Carmélia Alves como a “Rainha”. Dentre os materiais disponíveis, analisamos a exposição permanente, arquivada, recortes jornalísticos, arquivos digitais (vídeos e fotos) e o acervo fonográfico, entre outros elementos. Assim, consideramos que o baião de Gonzaga, consagrado também na voz de Carmélia, quando estava no auge da sua carreira, usou sua influência para ganhar adeptos para os ritmos, especialmente xote, xaxado e o baião, que são os ritmos elencados para esta análise.

Os documentos analisados imprimem a imagem de um Gonzaga “mestre” dos ritmos, onde prática literalmente os passos, incluindo desenvolvê-los e levá-los para apresentá-los no Brasil, sobretudo na influência que a cantora Carmélia Alves imprimiu para difundir a música e o ritmo por ele propostos na elite artística carioca. Luiz Gonzaga foi um personagem peculiar da cultura nordestina e essa preservação é realmente necessária para que as futuras gerações possam compartilhar esses ensinamentos, bem como as cantoras por ele influenciadas, como Carmélia Alves, objeto de nosso estudo. O xote, o xaxado e o baião têm no seu desenvolvimento laços extremamente fortes com Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, bem como Humberto Teixeira.

Essa tríade, cumprindo o papel de preservar a memória do Baião refletem a ideia de seu papel de liderança em danças regionais. A contribuição de Carmélia Alves para estes compositores foi fundante para a disseminação no meio artístico, sobretudo nos grandes locais de apresentação onde a sociedade da época se concentrava, como o Copacabana Palace, e que, ao longo de sua carreira, ela se dedica a divulgar uma cultura de danças regionais que até então o resto do país não sabia. Por causa dela, e dos grandes compositores acima citados, se conhece o xote, o xaxado e o baião, praticado e apreciado pelo Brasil, também, por vários países do mundo. Através deles, letras, apresentações e conteúdo de museus inclinados à perpetuação da memória do Baião, perpassando pelo “Rei do Baião”, “Rei do Ritmo” e “Rainha do Baião” ensina ao público as danças que o consagraram.

De caloura a rainha do baião

No início da sua carreira, Carmélia foi caloura dos programas de auditório, como muitos do seu tempo. Depois do samba, chegando até à fase do Baião, ela disse no *Programa do Jô* que pegou esse ritmo para cantar e que cantavam até em anúncios, porque, naquela época o repertório era pequeno, mas depois, como disse Castro (2015, p. 214), muitos iriam mudar o repertório ou apenas incluí-los em seus discos, “enrolando” o público com o ritmo do baião e intercalando propaganda. Ela disse que o mineiro Hervé Cordovil e Humberto Teixeira deram o primeiro sucesso para ela, em 1950, a letra *Sabiá na Gaiola* (Hervé Cordovil- Mário Vieira), cantarolando logo em seguida o trecho que dizia: “Sabiá lá na gaiola fez um burquinho/ voou, voou, voou”, seu primeiro sucesso. Na época da entrevista, tinha 81 anos e disse que viajou o mundo inteiro, levando o nome do Baião, passando por muitos cassinos nacionais e internacionais (Programa do Jô, 2005).

Carmélia Alves e Emilinha Borba, entrevistadas no *Programa do Jô*, em 2005, na TV Globo, relataram que foram cantar na reabertura da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, época do governo do então presidente Luís Inácio Lula da Silva. Carmélia falava com alegria do retorno à emissora a qual fez parte e da recuperação do 22º andar, para um museu. No terraço, ela afirmou que seria fechado e que se chamaria Café Nacional, aberto ao público, com shows. Dizia ainda que o auditório era menor, com 150 pessoas, mas que não seria, certamente a Rádio Nacional que um dia foi, com a força popular daqueles programas apresentados por Manoel Barcellos, César de Alencar, Paulo Gracindo e os programas de humor de Max Nunes².

Ela lembrou o grupo “*Cantoras do Rádio*”, que estiveram no *Programa do Jô*, 14 anos atrás, quando Nora Ney e Rosita ainda faziam parte daquele grupo. Carmélia disse que o grupo era composto por ela, Ellen de Lima e Violeta Cavalcanti. Elas estavam convocando Carminha Mascarenhas para a nova formação e a mesma aceitou. Carmélia lembrou do resgate de canções no projeto “*Estão Voltando as Flores*”³, escrito por Ricardo Cravo Albin, brincando com a história de vida e de cada uma delas, falando curiosidade de artistas falecidas, como Aracy de

² Essa reforma de fato aconteceu em seus auditórios, com a modernização dos equipamentos, dos transmissores do som e com a mudança temporária da programação da Rádio Nacional para a sede da TV Brasil, no Rio de Janeiro, conforme vídeo do canal citado, em 2012. Rádio Nacional já transmite dos novos estúdios. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cultura/galeria/videos/2012/10/radio-nacional-ja-transmite-dos-novos-estudios>. Acesso em: 10 set. 2019.

³ Este título do espetáculo refere-se apenas a última formação do grupo, em 2002, quando lançaram o CD pela Som Livre.

Almeida, Dolores Duran, Isaurinha Garcia, Dalva de Oliveira as irmãs Linda e Dircinha Batista. Deste encontro, ao longo dos anos 1990, lançaram três CDS, sendo os de 1991 e 1992 lançados também em LPs. As duas primeiras formações tinham: Carmélia Alves, Ellen de Lima, Nora Ney, Violeta Cavalcanti, Zezé Gonzaga e Rosita Gonzales; em 1999, o terceiro grupo era formado por: Carmélia Alves, Violeta Cavalcanti, Ademilde Fonseca e Ellen de Lima, nessas três formações iniciais o grupo se chamava *As eternas cantoras do Rádio* com menção apenas no disco de 1992; em 2002, com a saída de Ademilde Fonseca, Carminha Mascarenhas entrava no grupo das cantoras.

Carmélia lembrou o medo que Aracy de Almeida tinha de avião, mas, certa vez, a Rádio Nacional seria homenageada pelo Estado do Pará. Aracy entrou revoltada no avião, com Paulo Tapajós. Ela só conhecia Rio de Janeiro e São Paulo, que ia de carro ou de trem. Nelson Gonçalves ficou nervoso, disse que o medo de avião era bobagem e que Aracy só iria morrer, em seu dia. Esta, segundo Carmélia, era uma das poucas histórias de Aracy que poderiam ser contadas, falando a Jô Soares (2005).

Intercalando depoimentos atuais das cantoras, vídeos antigos de outro programa de sua grade, chamado “*A Vida É Um Show*” (2002), o atual *Musicograma* da TV Brasil fez uma reportagem com Carmélia Alves, Violeta Cavalcanti, Ellen de Lima e Carminha Mascarenhas. O início do vídeo foi com o diretor do show, Ricardo Cravo Albin falando que Carmélia pediu um show com as cantoras do rádio, em que fosse primado pela qualidade da apresentação. Carmélia foi a última das entrevistadas, entre suas falas e pequenos textos informativos ao longo das interpretações, pontuou suas lembranças de quando veio para o Rio de Janeiro com 16 anos e, aos 17, era cantora profissional na Rádio Nacional, no programa *Picolino*, do apresentador Barbosa Júnior.

Carmélia começou cantando na Rádio Mayrink Veiga, na ausência de uma cantora em um programa dominical, como substituta. Carmélia substituiu Carmen Miranda, quando esta foi embora para os Estados Unidos, em 1939. O convite lhe foi feito por César Ladeira, em 1940, para substituir “a pequena notável” em seu programa na Rádio Mayrink Veiga. Carmélia lembrou a Hupfer (2009, p. 213) que ela cantava imitando Carmen e sabia todas as suas músicas, mas depois ela se encontrou no Baião. Uma carioca cantando baião e famosa com isso.

Gravadoras, emissoras de rádio, filmes e documentários

Era comum o artista gravar um disco em 78 RPM de três em três meses, às vezes, dois, segundo Carmélia (HUPFER, 2009, p. 212), sem imposição de gravadora, com canções que seus contratados queriam lançar. Enquanto um disco tinha lançamento no eixo Rio-São Paulo, demorava certo tempo para chegar ao Nordeste, o que possibilita nova gravação nas cidades citadas, com distribuição sempre lenta nas demais regiões do país. Ela foi uma das primeiras artistas a gravar discos independentes. Lançou discos não datados antes de 1943. De 1964 a 2001, lançou discos espaçados, de acordo com o Dicionário Cravo Albin, passando por gravadoras como: Copacabana, Polydor, Continental, Todamérica, RGE, BMG, Som Livre e Warner. A gravadora que ela passou mais tempo foi na Continental (HUPFER, 2009, p. 213) e a Todamérica que era subsidiária da primeira.

Carmélia foi para a Argentina em 1954 e em 1956, aos Estados Unidos, à Europa e à Ásia. O baião começou em 1946, mas foi em 1950, que explodiu Luiz Gonzaga e sua música *Asa Branca*, em parceria com Humberto Teixeira. A cantora disse que o bolero estava invadindo o Brasil e que ela e Luiz Gonzaga conseguiram reverter o domínio do ritmo estrangeiro com o baião, por “dez anos de domínio total e absoluto” (HUPFER, 2009, p. 216). Com tudo que foi posto nos anos 1950, dos novos nomes do rádio, é de se estranhar que ela não tenha vencido o concurso de *Rainha do Rádio*, com sua popularidade com o baião; ou estourado entre as paradas de sucesso desta década. Como nos disse o pesquisador de música popular brasileira e jornalista Rodrigo Faour, Carmélia teve seu sucesso de destaque entre 1950 e 1954, com o baião. No documentário *O Homem Que Engarrafava Nuvens* (2008), o historiador Ricardo Cravo Albin disse que o excesso de comercialismo, o número volumoso de gente que entrou no baião no final dos anos 1950 e assim como o samba-canção de má qualidade, declinaram no gosto do povo.

Outra fala da própria cantora, afirma que ao cantar no Recife, com Sivuca, onde improvisou um *pot-pourri* de baião na Rádio Comércio, por conta do tempo limitado do programa, que tinha apenas 30 minutos e não dava para apresentar canções inteiras, ela disse que o público entusiasmado do Recife a chamou de “Rainha”, ao fim da apresentação. Na volta ao Rio de Janeiro, no programa do César de Alencar, foi apresentada por ele como “Rainha do Baião”. Dentro do *Musicograma*, trechos do extinto *A vida é um show* (2002), entrevistada por Luís Carlos Miele, ela disse que cantou o que queria, independente dos modismos. O mesmo

testemunho foi dado no primeiro bloco do programa *Re-Vista*, onde a cantora afirmou mais uma vez que no final de um programa de auditório no Recife, com Sivuca, o povo a chamou de "Rainha". De volta ao Rio de Janeiro, com Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, no programa *O Mundo do Baião*, foi coroada como "Rainha do Baião".

Carmélia disse no *Jô* (2005) que quando substituiu Carmen Miranda, ficou como *crooner* do Copacabana Palace por 10 anos, cantando todos os ritmos da música brasileira, no programa Ritmos da Panair. Lembrou seu início de carreira em 17 de fevereiro de 1940, no programa de Ary Barroso, como caloura e três meses depois, estava contratada do Programa Casé. Em um vídeo do documentário *História Sexual da MPB*, do jornalista Rodrigo Faour, no final de 2009, no Forte de Copacabana, Rio de Janeiro, um encontro com cinco cantoras da era do rádio: Lana Bittencourt, Dóris Monteiro, Ademilde Fonseca, Carmélia Alves e Adelaide Chiozzo. Neste, entre outras, Carmélia lembrou seu repertório, seu marido e como se conheceram na noite.

Para Faour, em 2009, Carmélia contou que na época em que cantava no Copacabana Palace, conheceu seu marido Jimmy Lester, vindo de São Paulo com uma equipe de artistas, ressaltando a beleza dele e como as mulheres “ficavam em cima”, mas que ela o observava de longe. Eles se conheceram em abril de 1944, e casaram-se em 27 de julho do mesmo ano, cujo casamento durou 54 anos. Ele faleceu em 1998 e Carmélia entrou em depressão no mesmo ano. Em 2000, fez shows em São Paulo, no “Botequim do Cabral”, ao lado do jornalista e crítico Sérgio Cabral, de acordo com o *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*.

Em suas memórias relatadas em 2009, mulher não podia sair à noite, desacompanhada, ou ir ao Jockey Club do Rio de Janeiro. Ela⁴ lembrou da comédia *Agulha no Palheiro* (1953), em que a menina Dóris Monteiro participou e foi sua estreia. Em uma das poucas cenas disponíveis, a personagem de Dóris fugia de casa para cantar, com um vizinho. Ao piano, o suposto vizinho tocava e Dóris cantava a música *Perdão*⁵ (César Cruz). Carmélia era a dona de um cabaré, que recebia a iniciante para cantar. Os filmes eram ruins e as condições aventureiras de iluminação e figurino eram relatadas pela artista que, certa vez, se recusou a usar um vestido em cena, de tão sujo. Em outras situações, os cenários não condiziam com o número musical

⁴ Em uma das cenas da comédia, Carmélia Alves cantou *Moamba* (César Cruz). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lsSliNliQm4>. Acesso em 15 de jun. 2020. Gravadora: Todamérica. Catálogo: TA-5.309-a. Ano: 1953. Artistas: Carmélia Alves. Disponível em: <https://immub.org/compositor/cesar-cruz>. Acesso em 15 de jun. 2020.

⁵ Dóris Monteiro interpreta *Perdão* (César Cruz), na comédia *Agulha no Palheiro*, de 1953. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gYg1ppKtSOA>. Acesso em 01 de set. 2019.

que era apresentado, como no filme *Tudo Azul* (1952) em que, ao interpretar a canção *Eu sou o baião* (Humberto Teixeira), ela saía em meio a algo que parecia uma flor, mas era um abacaxi. De fato, há essa cena e ela aparece dentro de algo que lembra uma flor, mas que ela, aos risos, chamou de *Abacaxi Azul*, trocando o nome do filme. Carmélia salientou que eram nos filmes a oportunidade de vender suas imagens, mesmo que de forma ruim e precária (HUPFER, 2009, p. 215).

Faour (2009) perguntou de uma música que ela gravou e da Carmélia da mulher do seu tempo, da postura delas, da “educação rigorosa”, uma clara visão machista daquele tempo e de como a mulher deveria se portar, “nos costumes da época”. Então ela cantou trechos de *Maria Joana*⁶ (Luiz Bandeira), cantando da seguinte forma: "Volte pra trás/ Num tá vendo eu lhe chamar? / Quando eu voltar/ Não venha com dismantelo/ Passe o pente no cabelo/ Não deixe a trança voar". Na gravadora Copacabana, a mulher não podia cantar Baião e Carmélia disse que cantou 10 anos, quebrando tabu na época. Adelaide Chiozzo lembrou que a música caipira não era bem vista no Rio de Janeiro e ela trouxe músicas como *Beijinho Doce* (Nhô Pai) e *Orgulhoso* (Nhô Pai e Mário Zan), todas de São Paulo. Ela disse que Luiz Gonzaga apareceu com o baião e ela, como filha de cearense e cantora, conhecia essas canções, por conta de sua origem. O pesquisador Rodrigo Faour em entrevista (2020), respondendo às questões devidas ao tema deste trabalho, disse que Luiz Gonzaga acreditava que Carmélia poderia levar o Baião para ambientes refinados, o “baião de *soirée*”, dizia ele para ela à época. Carmélia era eclética. Ao fim, deu certo, o ritmo tornou-se popular.

Castro (2015, p. 212-213) afirma que no *Clube da Chave* existiam muitos cantores da noite que passaram por lá, dando “canjas”, como: Dolores Duran, Helena de Lima, Ângela Maria e com Humberto Teixeira como mentor do referido clube. Nomes do baião também compareciam, como Luiz Gonzaga e Carmélia Alves. Gonzaga e Humberto Teixeira compuseram a música *Baião*, em 1946, mas o primeiro estava inseguro de gravar, foi assim que deram a música aos *Quatro Ases e Um Coringa*, levando-a ao sucesso e, posteriormente, Carmélia Alves a lançou em São Paulo, depois no Copacabana Palace. Luiz Gonzaga foi uma novidade com seu baião, o qual Humberto Teixeira estilizou, trouxe cantoras como Adelaide Chiozzo, Carmélia Alves e Claudette Soares, a “*Princesinha do Baião*”, para gravar o ritmo, além de Marlene, Emilinha Borba, Dalva de Oliveira e Os Cariocas.

⁶ Carmélia Alves interpreta *Maria Joana* (Luiz Bandeira). Continental, 78 RPM, 1952. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GK2Pdnk4Dyg>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Embora o bolero tivesse em alta, o baião, o qual Luiz Gonzaga era o *Rei*, também teve seu espaço e Carmélia, *Rainha do Baião* tinha o seu. Era um tempo em que as cantoras precisavam mostrar versatilidade e cantar em vários idiomas. Destacam-se cantoras como Dircinha Batista, Dolores Duran, Lana Bittencourt, Nora Ney, Dóris Monteiro e Emilinha Borba, esta última, segundo Lenharo (1995, p. 146), a expressão da própria popularidade e versatilidade que os anos 1950 exigiam.

Em 1953, o Rio de Janeiro passava por problemas que não a violência, mas a falta de água, energia e educação, que eram apontados pelos cronistas, além da ausência de “atrações” para a cidade. Aldo Viana, no *Diário da Noite*, em 28 de setembro de 1953, saudava com entusiasmo o clima de amizade e descontração entre os artistas do rádio, que deixavam suas rixas de lado e se apresentavam no *Clube da Chave*, em uma noite em homenagem ao apresentador e compositor Ary Barroso. Aldo dizia do ambiente agradável, das boas bebidas e das companhias para passar o fim de noite. Ele destacou a classe e a euforia de Linda Batista cantando *Risque*; Elizeth Cardoso na interpretação da última composição de Ary, o samba “Ardente desejo”; e as aparições de Carmélia Alves e Ângela Maria, que foram suas calouras; Vinicius de Moraes, declamando seus sonetos, dentre outros (FAOUR, 2015, p. 110).

No fim do dia 20 de dezembro de 1953, os artistas da Rádio Nacional e da Mayrink Veiga se apresentaram em um show coletivo, batizado de *Alpargatas na Praia*, que antecipava o Natal, no Posto 02, em Copacabana. Ângela Maria, Marlene, Carmélia Alves e a nova formação do *Trio de Ouro*, foram comandados por Paulo Gracindo e Hélio Chaves. Seria o primeiro de uma série de shows, por várias praias do Rio. Cada artista deveria cantar duas músicas de carnaval, para a festa do ano seguinte. Quando Ângela Maria foi eleita rainha do Rádio em 1954, na festa de coroação no Teatro João Caetano, Carmélia estava em destaque na carreira e presente no evento, ao lado do seu marido, Jimmy Lester (FAOUR, 2015).

Em 1952, Dolores Duran ainda não tinha a notoriedade que desejava na Rádio Nacional, contudo era escalada para participar do programa ao lado de Carlos Galhardo e de Carmélia Alves, na parte musical do episódio de *Sua Excelência, o garção*, às 22h. A despeito da viagem ao estado do Pará, que Carmélia citou no *Programa do Jô*, Dolores também estava entre os contratados da Rádio Nacional, que foram para a Festa das Flores na Assembleia Paraense. Quando Dolores foi contratada pela gravadora Copacabana, em 1954, Carmélia Alves, Ângela Maria, Inezita Barroso, Heleninha Costa, também eram contratadas pela referida emissora. Carminha Mascarenhas lembrou, antes de falecer, em 2010, que Dolores foi uma cantora de

elite que gravou baião. Claribalte Passos elogiou Dolores, no jornal *Correio da Manhã*, em 02 de agosto de 1959, e dizia que ela seria a nova “*Rainha do Baião*”, enquanto Carmélia Alves, segundo ele, gravava samba (FAOUR, 2012, p. 90-278). Os cantores do rádio cantavam muitos ritmos, mas parecia forçoso, como foi criticada Ângela Maria ao gravar certas canções, como no disco *Ângela de todos os temas* e Carmélia Alves, ao gravar Bossa Nova, cantando *Corcovado e Samba de uma nota só*, aonde disco não agradou (COMENGO, 2010, p. 263).

Carmélia era uma senhora, segundo ela, quando Dolores chegou. Por isso, ela e as cantoras mais velhas, a consideravam como filha. Carmélia lembrou da intimidade delas na Rádio Nacional que, algumas vezes, Dolores foi a sua casa e que ela não desfrutou da fama que teve, pois morreu no auge. Carmélia sabia do exagero de Dolores com álcool e quando ela morreu, ela estava em um jantar na casa de Manoel Barcelos, com seu marido. De início, a notícia dizia que Dolores havia cometido suicídio. Eles saíram e foram ao apartamento de Dolores, chegando lá, a polícia já estava no local e Carmélia a viu seminua, com a boca virada e coberta por um lençol, em seu apartamento simples. Carmélia também lembrou, quando Ary Barroso apareceu, fez um escândalo, dizendo: “Não posso perder minha amiga!” (FAOUR, 2012, p. 310-311).

Por outro lado, Castro (2015, p. 368) fala de outros nomes de artistas como os citados Carmélia Alves, Ary Barroso e a cantora Marlene, que correram para a Rua Gomes Carneiro, nº 194, endereço de Dolores, quando noticiaram sua morte no rádio. Dolores tinha 29 anos, e era um dos nomes da Rádio Nacional. Seu coração tinha problemas e ela sabia disso, mas não evitava as noitadas, o lança perfume e os três maços de cigarro por dia.

Quase rainha do rádio e os programas das emissoras

No concurso de *Rainha do Rádio* de 1952, vencido por Mary Gonçalves, a favorita era Carmélia Alves. Dizem que Mary tinha um fã anônimo que comprou muitos votos para ela. Nessa eleição, Mary venceu Carmélia e Adelaide Chiozzo. O admirador de Mary não era tão anônimo assim, mas Getúlio Vargas. Mary foi Rainha, mas Faour (2015, p. 78) afirmou que ela era uma cantora inexpressiva e, somando-se a isso, Carmélia Alves desistiu do título de última hora para apoiar Mary, transferindo seus votos. Lenharo (1995, p. 71) disse dessa transferência de votos de Carmélia, antes de Faour e lembrou a inexpressividade de Mary. Entre os homens, Jorge Goulart era o Rei do Rádio naquele ano.

Carmélia, em entrevista à Hupfer (2009, p. 205-209), afirmou que entrava nos concursos de Rainha por três motivos: o primeiro, para promover a construção do Hospital da ABR (Associação Brasileira de Radialista) que chegou a funcionar, mas não pode ser mantido, por conta dos seus altos custos; o segundo, colocaria o seu nome em destaque, a convite do organizador Manuel Barcelos e do seu marido Jimmy Lester, incentivador; por fim, um certo patrocinador que nunca existiu comprou votos para Carmélia, quando na verdade o fizera para Mary. Esse último evento criou caso na imprensa, que defendeu Carmélia, mas Renato Murce, radialista, não gostou do ocorrido. Além do mais, segundo o vídeo de Faour (2017), a favorita era mesmo Adelaide, “estrela das chanchadas”, e Carmélia que também estava no auge, percebendo que iria ficar em segundo lugar, transferiu seus votos para Mary.

Em meio à compra de votos que eram válidos, dos votos transferidos entre as cantoras, venda de outros tantos aos fãs das concorrentes, em shows nos bairros, eventos carnavalescos, Jimmy, marido de Carmélia, chegava com uma pasta na sede da ABR, com votos falsos que dizia ser portador para a esposa. Na coroação de Mary, onde Carmélia foi Princesa, ela teve receio de comparecer à noite de coroação no teatro João Caetano, por uma suposta ameaça de apedrejamento. Situação contornada pela defesa que recebeu da imprensa na época, da ligação do seu marido com a “Turma dos Cafajestes”, homens ricos e influentes, presentes na festa e do convite de Alzira Vargas, esposa do ex-presidente de Getúlio Vargas, para seu camarote. Carmélia disse a Hupfer (2009, p. 211) que os “cafajestes” prometeram quebrar o baile e a festa, se algo lhe ocorresse. Daquele dia em diante, Jimmy disse que ela só entraria em concurso para ganhar e não para prestigiar. Ela nunca ganhou.

Havia uma parte do concurso de Rainha do Rádio patrocinado, foi o cheque em branco da Antártica para comprar os jurados, na eleição de Marlene, em 1949. No concurso de 1952, a não assinatura desse mesmo cheque em branco, daria vitória à Adelaide Chiozzo, mas a eleita foi a inexpressiva Mary Gonçalves. Essa última saiu da Rádio Nacional do Rio de Janeiro e foi relançada como estrela, por Sérgio Vasconcelos, diretor da Rádio Clube (HUPFER, 2009, p. 210). Com as disputas alimentadas por fãs fervorosos, Carmélia serviu-se dos defensores de Emilinha e Marlene e dos demais grupos que tinham acesso.

Carmélia lembrou da sua passagem por Paris, no programa do Jô Soares, em 2005, e por orientação de Humberto Teixeira que a sugeriu que ela trocasse de roupa no avião, que ele iria falar com a Panair do Brasil, companhia aérea da época. Segundo a cantora, os aeroportos estavam lotados, pois os passageiros desciam na pista, no verão, dentre eles, africanos, reis e

rainhas. Quando todo mundo desceu, ela desembarcou. Carmélia sabia que a figura do *cangaceiro* estava na moda, então começou a cantar a música “mulher rendeira” com roupa improvisada de cangaceira. Aproveitando disso, subiu na asa do avião para *xaxar* e quase caiu. As pessoas perguntavam aos carregadores do aeroporto quem era “a louca” que dançava na asa do avião e onde ficava este país “Baião”, que eles não conheciam. Na mesma entrevista, ela também citou o filme/documentário “*Estão Voltando as Flores*”, segundo Carmélia, como fizeram em relação aos cubanos do *Café Buena Vista Social Club*, para passar pelo mundo inteiro, na TV a cabo. Sobre o DVD, no programa *Re-Vista*, ao lado da cantora Ellen de Lima, Carmélia se dizia feliz e agradecida, pondo-se como “operárias da música popular brasileira” e que o trabalho do documentário era o “Oscar”, em referência ao prêmio do cinema americano.

Voltando ao programa do Jô Soares em 2005, Carmélia presenteou o apresentador com alguns CDS da sua carreira, dentre eles, um do selo paranaense *Revivendo*. Nessa época, a cantora disse que estava resgatando o repertório de Jackson do Pandeiro através de um CD intitulado: *Carmélia Alves abraça Jackson Do Pandeiro e Gordurinha* (CPC-UMES. 1999), contudo ela afirmou não gostar da palavra “resgatar”, pois parecia que ela era “bombeiro”. No fim do mesmo programa, cantou a canção *Asa Branca* (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira).

No curta-metragem, *Carmélia Alves- Rainha do Baião* (2016), com cortes de depoimentos do passado. Esse documentário é mais explicativo, intercalado com músicas do repertório de Carmélia, pois fala que ela foi contratada como *crooner*, pelo Cassino do Copacabana Palace, em 1941, recebendo 100 mil réis por dia, apresentando com Murilo Nery um programa de música, *Os Ritmos da Panair*, pela Rádio Nacional, para todo o Brasil. Lenharo (1995, p. 84-96) explica melhor como funcionava esse programa. Em 1952, era transmitido diretamente da boate *Midnight* do Copacabana Palace, às 23:30, todos os dias. Nesse programa, Carmélia ficou conhecida (AGUIAR, 2007).

Carmélia, as irmãs Batista (Linda e Dirce), Ângela Maria, Luiz Gonzaga, Isaurinha Garcia, Adelaide Chiozzo, apresentaram-se na Rádio Tabajara, em João Pessoa, nos anos 1950, em programas apresentados por Geraldo Campos, Paschoal Carrilho, Gilberto Patrício, e Jaci Cavalcanti (NASCIMENTO, 2003, p. 46).

Quando foi gravar *O me leva* (Hervê Cordovil e Rochinha), com Ivon Cury, na gravadora Continental, a música era gravada diretamente, e tinha o problema do barulho de um elevador. Braguinha pediu para o elevador parar, no momento da gravação. Ivon era muito alto, Carmélia era baixa e só tinha um microfone para o cantor, outro para a orquestra. A solução do

marido de Carmélia foi colocá-la sobre um caixote, para que ela alcançasse a altura de Ivon ao microfone. Radamés fez o arranjo para a música. Quando chegou uma parte que dizia: *Entonce ela respondeu...*, ela respondia: “Me levaaaaaaaaa!”, fazendo um “oiiii” bem demorado e cantou uma parte da canção que diz: “A gente que tem amor/ É triste a separação/ *Caboco* parte chorando/ Mas deixa o coração”. Braguinha e o marido dela gostaram, então pediram que Carmélia fizesse isso na hora da gravação, e, segundo seu testemunho no documentário *Carmélia Alves- Rainha do Baião* (2016), deu certo.

Na eleição para governador do estado de São Paulo, em 1955, vencida por Jânio Quadros, ele mandou decretar o toque de recolher nas boates e inferninhos e até festas particulares. Era um problema para os boêmios paulistanos, que assim, iam para o Rio de Janeiro. Boates como o *Jequiti*, *Oásis* e *Meninão* foram perseguidas, por ordem de Jânio. No palco da *Meninão*, com seu show *Desafio do samba*, Aracy de Almeida, Dorival Caymmi e Carmélia Alves se apresentavam. Depois de muita perseguição e das perdas financeiras para os donos das boates, além do inconveniente das invasões policiais em festas particulares, Jânio revogou a medida e as boates voltaram ao funcionamento normal (CASTRO, 2015, p. 340).

Tempos de espaços reduzidos

Os anos 1960 foram uma época em que as grandes gravadoras como a RCA, não renovaram contrato com cantores como o casal Nora Ney e Jorge Goulart. Eles, Carmélia, Linda e Dircinha Batista, foram para a Mocambo, uma gravadora nacional, no Recife, que, assim como a Continental, davam espaço ao repertório nacional. Levados por Jorge Goulart para o Romênia⁷, em 1962, esses artistas gravaram um disco com repertório da Bossa-Nova, em uma clara tentativa dos artistas do rádio reagirem às novidades musicais. Carmélia foi a única que fugiu à regra do repertório de Bossa Nova, nesse momento, gravando “*Baião da garoa*”, “*O morro não tem vez*” e “*Bigorrilho*”. Hildo Hora, os assistentes da Portela e Canelinha, mestresala do Império Serrano, também foram para a Romênia. Jorge gravou *Sa-ra-ruê*; Nora, *Mais*

⁷ Estas viagens para a Europa, eram feitas pelo casal Nora e Goulart, então acusados de subversão e comunismo pelos militares do período do regime militar, que liberavam essas viagens dos cantores. Os dois artistas respondiam a inquéritos militares. Eles passaram por outros países, como Portugal, Itália, Hungria, Finlândia e Polônia. As temporadas deles no Nordeste brasileiro eram recorrentes e lucrativas, mas não tanto como antes. Era um momento de Goulart fazer parcerias, pois ele estava ambientado nas atividades empresariais. Estas viagens também ocorreram em 1958, 1960, 1962 e 1964 (LENHARO, 1995, p. 252-253).

que nada e Só danço samba. Segundo Lenharo (1995, p. 250-253), esse LP não repercutiu muito, contudo, era importante como documento.

Lançaram um LP chamado *A Rádio Nacional e seus ídolos de auditório*, em 1977. Esse disco trazia sucessos gravados nos anos 1950, com curadoria de Emilinha Borba e Gilberto Milfont, nas vozes de Carmélia, Ângela Maria, Marlene, Ivon Cury, Orlando Silva, Dalva de Oliveira e Francisco Alves, artistas que passaram por aquela emissora (LENHARO. 1995, p. 220-221). Carmélia gravou muitas músicas com os temas do baião, das quais: *Paraíba* (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira), *Baião de Dois* (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira), *Adeus Adeus Morena* (Hervé Cordovil/Manezinho Araújo), *O Baião Em Paris* (Humberto Teixeira), *Voando Pra Paris* (Humberto Teixeira), *Baião De Santa Luzia* (Luiz Bandeira), *Sorte Da Maria* (Thalma de Oliveira/Hervé Cordovil), *Estrada de Canindé* (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira), dentre outras. O compositor Antônio Maria, elogiava em *O Jornal*, através de nota replicada pela *Revista do Rádio* (Nº 83, P. 04, 12/04/1951): o "Gostosíssimo, o Baião em Paris, e deliciosa a interpretação de Carmélia Alves. Nunca se disse — nem em Paris -‘oh lalás’ tão bons de ouvir. A música, se não nos enganamos, é de Humberto Teixeira". Sim, a música era de Humberto e a gravação de 1951, foi em disco 78 RPM.

Em 1991, de acordo com Aguiar (2010, p. 62), Zezé Gonzaga, Carmélia Alves, Ellen de Lima, Nora Ney, Violeta Cavalcanti e Rosita Gonzalez gravaram dois CDs em grupo, chamado *As eternas cantoras do rádio*, que deu o nome ao show, sendo apresentado na Sala Funarte. Segundo Zezé, elas viajaram o país por sete ou oito anos. De repente, Nora Ney adoeceu, Rosita faleceu, ficando apenas quatro. Esse show é tratado como um momento em que a TV trazia notícias pontuais dos artistas do rádio e da falta de conhecimento da vida deles. Essas mulheres, na época com quase 60 anos, quando participavam dos programas de TV, recebiam comentários como “velhinhas sapecas” e que eram capazes de dar seus recados. Total falta de conhecimento da carreira de cada uma e, no mínimo, uma indelicadeza (LENHARO, 1995).

O *show-documentário*, patrocinado pela Petrobrás e gravado na Rádio Nacional, seria feito em 2007 e lançado em 2008, com Marlene, Cauby Peixoto, Emilinha Borba e Ângela Maria, mas, Emilinha morreu e Cauby e Ângela, moravam em São Paulo e tinham suas agendas por lá (ARAGÃO, 2012). Por fim, esse filme/documentário foi gravado em 2005 e lançado em 2009, com Ademilde Fonseca, Carmélia Alves, Ellen de Lima, Carminha Mascarenhas e sua neta Mariana Belém, nos bastidores do show *Estão Voltando as Flores*, com direção de Gil Baroni. Carmélia era uma intelectual, embora reduzida à *Rainha do Baião* e ao “cafona”,

Lenharo (1995, p. 153-154) lembra, citando Marques Rabelo no livro *A estrela sobe*, que ela era fã de Debussy, Ary Barroso e Érico Veríssimo. Marlene, da mesma forma, foi lembrada por sua inquietude, versatilidade e aprimoramento artístico. A figura feminina de Carmélia, Dalva e Aracy, eram de mulheres maduras, estabelecidas, logo, aceitas e associadas à vida matrimonial.

Não encontramos a participação de Carmélia no Programa *Rei Majestade*, 2006, SBT, apresentado por Sílvio Santos. Na entrevista ao programa *Re-Vista*, não disse a data, mas pesquisamos e a apresentação de Carmélia aconteceu em 2006. Era uma atração que tinha por objetivo trazer cantores (as) esquecidos (as) da mídia, para contarem suas histórias de vida, o que faziam no dia a dia, cantar duas canções, uma do seu repertório e outra da escolha deles (as), com orquestra. Também havia a participação do público, que permitiria que o vencedor (ra), Rei ou Rainha, gravasse um disco. Carmélia não foi a vencedora e a vice-liderança do programa que terminou em 2007, ficou com Sílvio Brito, que ganhou 60 mil reais e a participação em quatro faixas do CD do programa.

Ao fim do documentário *Carmélia Alves a Rainha do Baião* (2016), depois dos 19 minutos, comemora-se o último aniversário dela, aos 89 anos, em 19 de fevereiro de 2012, com um bolo simples, uma faixa improvisada de “Rainha do Baião”, um chapéu de sertaneja em sua cabeça. A cantora, em continência aos presentes, soprou a vela, em seguida. Carmélia Alves faleceu em 03 novembro de 2012, aos 89 anos, de câncer. O programa *Fantástico* do dia 04 de novembro de 2012, noticiava o sepultamento da *Rainha do Baião*. Entre os presentes no seu velório, os cantores: Ellen de Lima e Ismael Costa; a sobrinha da cantora, Jandira; o historiador Ricardo Cravo Albin e o ator Lino Corrêa. Seu corpo foi velado no Retiro dos Artistas, onde ela vivia desde 2010 e sepultado no Cemitério do Pechincha em Jacarepaguá no Rio de Janeiro. Em uma das últimas cenas que encontramos, Carmélia estava cantando no carnaval da Cinelândia, no Rio de Janeiro, interpretando as marchinhas *A lua é dos namorados* e *Taí*.

Considerações finais

Carmélia Alves foi uma das muitas artistas do seu tempo vinda por temidos programas de calouros, mas espaço para que artistas como ela aparecessem e fosse reconhecida no contexto musical dos anos 1940. Seu nome foi envolvido em uma polêmica ao transferir votos para Mary Gonçalves, sabendo da sua derrota na eleição de Rainha do Rádio em 1952, quando percebeu a

virada nos votos de Adelaide Chiozzo, sobressaltando o favoritismo da Rainha do Baião. Carmélia não foi a primeira a se envolver nas controvérsias e reverses do concurso que movimentavam os fãs na aquisição dos votos vendidos, além dos patrocinadores que compravam os demais votos em nome de uma cantora favorita.

Como vimos, outras cantoras também gravaram o baião, mas a alcunha de Rainha do Baião é dela, dada por Luiz Gonzaga e pelos fãs do Recife, que gritaram seu nome no programa de auditório e marcaram sua vida artística. Cantora da noite por formação, com repertório em várias línguas, Carmélia soube sair do samba e, versátil como era, deu o nome e notoriedade ao ritmo que a consagrou que precisava dela no Copacabana Palace para ter um bom começo. Apesar da tentativa da mudança de repertório em alguns momentos da sua carreira, da sobrevivência em meio ao desprezo das gravadoras e aos modismos musicais, no fim da vida ela não tinha mais tantas gravações recentes e seus últimos dias em apresentações públicas foi cantando marchinha no carnaval da Cinelândia, no Rio de Janeiro.

O programa *Rei Majestade* do STB, em 2006; a série de shows nos anos 1990 e 2000 que levou ao documentário *Estão Voltando as Flores* foram momentos importantes para Carmélia, Ademilde Fonseca, Carminha Mascarenhas, Ellen de Lima, mas o tempo e os espaços reduzidos para o repertório dos artistas do rádio, entre muitas ausências de projetos contínuos, antes e depois das décadas citadas. O Baião e o samba-canção de má qualidade foram saturados no fim dos anos 1950, embora na década de 1970 houvesse um tempo de resgate do próprio Luiz Gonzaga e da Rainha do Baião, não era mais o tempo dos cassinos e da Rádio Nacional no auge, os ídolos e o gosto musical do povo eram outros.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2007.

AGUIAR, Ronaldo Conde. **As divas do rádio nacional: vozes eternas da Era de Ouro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2010.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

AMBOLD, Juliana. Rei Majestade registra 12 pontos de audiência. **O Fuxico**, São Paulo, 20 abr. 2006. Notícias. Disponível em: <https://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/rei-majestade-registra-12-pontos-de-audiencia/2006/04/20-24990.html>. Acesso em: 16 jun. 2020.

ARAGÃO, Diana. **Marlene - A incomparável**. Coleção Aplauso Música. Imprensa Oficial do Governo do Estado de São Paulo. 2012.

A RAINHA do Baião (Carmélia Alves) e a rainha do rádio (Emilinha Borba). Rio de Janeiro: TV Globo. 2005. 1 vídeo (47 min. 11 seg.). Publicado por Canal do Lino Corrêa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k-E6ipi1j1U>. Acesso em: 21 set. 2019.

AS cantoras do rádio. Entrevista. TVE Brasil. (S/D). 1 vídeo (25 min. 53 seg.). Publicado por TV BRASIL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=08EZOLSe4m8&pbjreload=101>. Acesso em: 21 set. 2019.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

CARMÉLIA Alves a rainha do baião. Filme curta metragem. Publicado por Dimas Oliveira Junior. São Paulo. 2016). 1 vídeo (21 min. 15 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J47lyRwU9wg>. Acesso em: 21 set. 2019.

CARMÉLIA ALVES ABRAÇA JACKSON DO PANDEIRO E GORDURINHA.

Gravadora: CPC-UMES. Catálogo: CPC 025. Ano: 1999. CD. Disponível em: <https://immub.org/album/carmelia-alves-abraca-jackson-do-pandeiro-e-gordurinha>. Acesso em: 16 jun. 2020.

CARMÉLIA ALVES. Disponível em: <https://immub.org/artista/carmelia-alves>. Acesso em: 16 jun. 2020.

CASTRO, Ruy. **A noite do meu bem: a história e as história do samba-canção**. Companhia das Letras. São Paulo. 2015.

COMENGO, Valdir. **A magia do rádio**. Instituto Memória. 2010.

DUARTE, Ana; RIBEIRO, Pery. **Minhas duas estrelas - Uma vida com meus pais Dalva de Oliveira e Herivelto Martins**. Globo. 2009.

FAOUR, Rodrigo. **Dolores Duran - A noite e as canções de uma mulher fascinante**. Rio de Janeiro: Record. 2012.

FAOUR, Rodrigo. **Ângela Maria - A eterna cantora do Brasil**. Rio de Janeiro: Record. 2015.

LARANJEIRA, Deneil José. **A Identidade Vocal de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro em Performance**. 2012. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6615>. Acesso em: 04 mar 2021.

LENHARO, Alcir. **Cantores do Rádio** - a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo. UNICAMP. Campinas. 1995.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Dolores Duran**: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 29-30.

NASCIMENTO, Pereira. **História da radiodifusão na Paraíba**. Editora Persona LTDA. 2003.

NEVES, Santuza. **A música popular nos anos do segundo governo Vargas**. FGV/ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). (S/D).

Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/SegundoGoverno/MPB>. Acesso em: 16 jun. 2020.

O homem que engarrafava nuvens. 24 Jun. 2014. 1 vídeo (1 hora 47 min 04 seg). Publicado por Canal do Caio Nunes da Cruz. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=OLLcf8UTnPo>. Acesso em: 16 jun. 2020.

OLIVEIRA PINTO, Tiago de. Som e Música: Questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v.44. n.1, p. 2, 2001.

PINTO, Theophilo Augusto. **Gente que brilha quando os maestros se encontram Música e músicos da 'Era de Ouro' do rádio brasileiro (1945-1957)**. 2012. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

PROGRAMA Re-Vista. Cantoras do Rádio - parte 1. 17 de set. de 2010. 1 vídeo (9 min e 59 seg). Publicado por programarevista. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=VqYBLOXTGUI>. Acesso em: 16 jun. 2020.

PROGRAMA Re-Vista. Cantoras do Rádio - parte 2. 17 de set. de 2010. 1 vídeo (9 min e 59 seg). Publicado por programarevista. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=S_UoHsS_1qc. Acesso em: 16 jun. 2020.

PROGRAMA Re-Vista. Cantoras do Rádio - parte 3. 17 de set. de 2010. 1 vídeo (9 min e 57 seg). Publicado por programarevista. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=fC7zCEbV4F0>. Acesso em: 16 jun. 2020.

REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro: Editora LTDA. n. 83. 12 abr.1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1951_00083.pdf. Acesso em: 16 jun. 2020.

RODRIGO Faour conta a história das rainhas do rádio. 2017. 1 vídeo (11 min 35 seg).

Publicado pelo Canal Rodrigo Faour Oficial. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=t-3FGaurUY0>. Acesso em: 16 jun. 2020.

RODRIGO Faour entrevista as Cantoras do rádio. 2 de jan. de 2017. 1 vídeo (24 min 63 seg).

Publicado por Rodrigo Faour. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=uM0wFYXw94w&t=1s>. Acesso em: 21 set. 2019.

TUDO azul. 3 jan. 2013. 1 vídeo (1h 19 min. 14 seg.). Publicado por Gustavo Lopes. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7kwJC_AYxHc. Acesso em: 16 jun. 2020.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.